R. Italianística, São Paulo, ano II, nº 2, p. 171-172, 1994.

TEXTOS EXTRAÍDOS DE *I VOLATILI DEL BEATO ANGELICO*, PALERMO, SELLERIO, 1987.

OS ARQUIVOS DE MACAU

"Ouça, meu caro senhor, seu pai tem um carcinoma na faringe, eu não posso largar a convenção para operá-lo amanhã, convidei meia Itália, entende? Além disso, uma semana antes, uma semana depois, com o que ele tem".
"Mas o nosso médico sustenta que se deve operar imediatamente, porque é um tipo de carcinoma que evolui rápido".
"Ah, sim, imediatamente, lógico. E o que vou dizer aos congressistas, que amanhã eu tenho que operar e que o congresso fica adiado? Ouça, seu pai como os outros terá que esperar até o congresso acabar".
"O senhor é que tem que ouvir, Professor Piragine. Eu não dou a mínima para o seu congresso, quero que meu pai seja operado imediatamente, assim como os outros, os casos de emergência".
"Não tenho a mínima intenção de discutir com o senhor o cronograma da minha sala operatória. Esta é a Universidade de Pisa e além disso eu tenho deveres didáticos bem específicos, não admito que seja o senhor a me dizer o que fazer. Posso operar seu pai somente na próxima semana, se não está de acordo, remova o paciente e encontre um outro hospital. Nem preciso dizer que nesse caso a responsabilidade é sua. Passar bem".

A voz da aeromoça pediu para apertar os cintos e apagar os cigarros, uma escala que duraria uns quarenta minutos para reabastecimento e limpeza. E enquanto pela janela começam a se ver as primeiras luzes de Bombaim e, pouco a pouco, as luzes azuis da pista, naquele exato momento, deve ter sido por causa do leve solavanco no impacto da aterrissagem, às vezes as associações de idéias acontecem por esse tipo de coisas, fui parar na sua lambreta. Você guiava com os braços bem afastados, porque as lambretas daquela época tinham um guidão enorme, eu olhava o seu cachecol que, solto ao vento, fazia cócegas com a franja no meu nariz, queria coçá-lo, mas tinha medo de cair, estávamos em mil novecentos e cinqüenta e seis, disso tenho certeza, porque a compra da lambreta havia festejado meus treze anos de idade; eu bati com dois dedos no seu ombro para pedir que andasse mais

devagar e, então, você se virou sorrindo, e, ao fazê-lo, o cachecol deslizou do pescoço, mas muito lentamente, como se cada movimento dos objetos no espaço estivesse desacelerado e eu vi que sob o cachecol você tinha uma ferida horrorosa, que rasgava o seu pescoço de lado a lado, era tão larga e aberta que deixava descobertos os tecidos musculares, os vasos sangüíneos, a carótida, a faringe, mas você não sabia que estava com aquela ferida e sorria, alheio, e de fato você não estava, eu é que a via, é estranho como às vezes possa acontecer de sobrepormos duas lembranças numa única lembrança, estava acontecendo isso comigo, lembrava da sua imagem de mil novecentos e cinqüenta e seis e nela mesclava a imagem que depois você deixaria para sempre, quase trinta anos mais tarde.

Sei que não se deve escrever aos mortos, mas você sabe perfeitamente que em certos casos escrever aos mortos é uma desculpa, é um fato freudiano elementar, porque é o modo mais rápido de escrevermos a nós mesmos e portanto, desculpe-me, estou escrevendo a mim mesmo, embora esteja eu talvez escrevendo à lembrança que tenho de você dentro de mim, às suas marcas que ficaram dentro de mim, e, então, de alguma forma estou escrevendo realmente a você – mas não, talvez esta também seja uma desculpa, na verdade, estou escrevendo somente a mim: mesmo a sua lembrança, as suas marcas são uma coisa só minha, você não está em nada, só estou eu, aqui, sentado no assento deste jumbo que se dirige a Hong Kong e penso que estou andando na lambreta, pensei que estivesse na lambreta, sabia muito bem que estava voando num avião que me levava a Hong Kong, de onde depois pegarei a balsa para Macau, só que estava viajando na lambreta, era o meu décimo terceiro aniversário, enquanto você guiava com o cachecol, e eu estava indo para Macau na lambreta. E você, sem se virar, com o cachecol ao vento que me fazia cócegas com a franja, exclamou: para Macau? E o que você vai fazer em Macau? E eu disse: vou procurar alguns documentos nos arquivos, existe um arquivo municipal e também o arquivo de um velho liceu, vou procurar papéis, talvez cartas, não sei, enfim, manuscritos de um poeta simbolista, um sujeito esquisito que viveu em Macau durante trinta e cinco anos, era opiômano, morreu em 1926, era português, chamava-se Camilo Pessanha, genovês por descendência de um Pezagno que, em 1300, esteve aos serviços de um rei português, era um poeta, escreveu somente um pequeno livro de poesias **Clepsydra**, ouça este verso: Floriram por engano as rosas bravas. E você me perguntou: acha que isso tem algum sentido? [AELG]